

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 2, Jul.-Dez. 2016

O PADRÃO DE LEXICALIZAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVENTO DE MOVIMENTO



THE LEXICALIZATION PATTERN OF BRAZILIAN PORTUGUESE: MOTION EVENT

Dorival Gonçalves SANTOS FILHO(UFSC)¹

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 31/01/2017 • APROVADO EM 14/03/2017

Abstract

Typology studies suggest that in the motion events it is possible to characterize the languages in lexicalization patterns. Languages in which the primitives MOTION and PATH are embedded in the verbal root belong to the pattern LFV (languages with frame on the verb). The languages in which the MOTION and MANNER are expressed by the verb, but the PATH is expressed by a satellite (particles bound to the verb) is called the LFS (languages with frame on the satellite). Based on these assumptions, the aim of this paper is to show how the motion event in Brazilian Portuguese and in cases where the language in question uses different strategies in the expression of this event.

Resumo

Estudos em tipologia sugerem que, nos eventos de movimento, é possível caracterizar as línguas em padrões de lexicalização. Línguas em que os primitivos MOVIMENTO e TRAJETÓRIA estão embutidas na raiz verbal pertencem ao padrão LFV (línguas com frame no verbo). Já as línguas em que o MOVIMENTO e MODO são expressos pelo verbo, mas a TRAJETÓRIA é expressa por um satélite (partículas ligadas ao verbo) são chamadas de LFS (línguas com frame no satélite). Partindo desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é mostrar como funciona o evento de movimento no Português Brasileiro e os casos em que a língua em questão utiliza diferentes estratégias na expressão desse evento.

Entradas para indexação

KEYWORDS: motion event, manner of movement, typological patterns.

PALAVRAS-CHAVE: de movimento. modo de movimento. padrão de lexicalização.

Texto integral

INTRODUÇÃO

Talmy (2000b), Batoréo (2000), Matsumoto (2003), Slobin (2004), Cifuentes Férez (2008), sugerem que, a partir do evento de movimento (doravante EM), é possível caracterizar as línguas do mundo em padrões de lexicalização. Talmy (1972, 2000b), o precursor da teoria, inicialmente, classifica as línguas em três padrões distintos: LFS (línguas com frame no satélite), LFV (línguas com frame no verbo) e LFF (línguas com frame na figura)². O padrão LFF, posteriormente, foi abandonado pelo autor com a justificativa de não haver falantes nativos dessa língua desde 2008³

O autor observou que o modo como as línguas expressam gramaticalmente os elementos semânticos no EM indica à qual padrão tipológico ela pertence. Para chegar a essa conclusão, isolou elementos do domínio do significado e elementos do domínio da estrutura morfossintática. Do domínio do significado, os elementos isolados pelo autor foram: (i) MOVIMENTO (*Motion*), (ii) FIGURA (*Figure*), (iii) TRAJETÓRIA (*Path*), (iv) FUNDO (*Ground*), (vi) MODO (*Manner*) e (vii) CAUSA (*Cause*).⁴ Jackendoff (1983, 1990) propõe regras de formação para a estrutura conceitual elencando os seguintes primitivos: ENTIDADE (*Thing*), EVENTO (*Event*), ESTADO (*State*), AÇÃO (*Action*), LUGAR (*Place*), TRAJETÓRIA (*Path*), PROPRIEDADE (*Property*) e QUANTIDADE (*Amount*). Esses primitivos são relacionados entre si por funções que definem tipos diferentes de eventos. Apesar de serem considerados mais refinados e formal, para os objetivos deste estudo, os primitivos considerados serão os de Talmy (2000b). Os elementos da estrutura morfossintática isolados são: verbos, adposições, orações subordinadas e algumas partículas que o autor nomeia de satélites. Essa relação não é de um-para-um. Isso quer dizer que a combinação de elementos semânticos com elementos morfossintáticos pode se dar de diversas formas: uma combinação de elementos semânticos pode ser expressa por um único elemento morfossintático, ou um único elemento semântico pode ser expresso por uma combinação de elementos

morfossintáticos, ou ainda, diferentes tipos de elementos semânticos podem ser expressos por um mesmo tipo de elemento morfossintático.

No decorrer de seus estudos, Talmy (1972, 2000b) cunhou o que é para ele um EM básico, como se observa na citação abaixo:

O evento de Movimento básico consiste em um objeto (Figura) movendo-se ou localizado em relação a outro objeto (o objeto de referência ou Fundo). É analisado como tendo quatro componentes: além de Figura e Fundo, há a Trajetória e Movimento. A Trajetória (com T maiúsculo) é o caminho ou local ocupado pelo objeto Figura em relação ao objeto do Fundo. O componente de Movimento (com M maiúsculo) refere-se à presença per se ou movimento ou situação estática no evento. Apenas estes dois estados motrizes são estruturalmente distinguidos pela linguagem. (Talmy, 2000b, p.25, tradução nossa).⁵

MOVIMENTO significa que um determinado objeto, que está em repouso, muda a sua localização. O objeto em movimento é chamado de FIGURA e se desloca em relação a outro objeto de referência, chamado de FUNDO. A TRAJETÓRIA⁶ é o caminho transcorrido pela FIGURA. MODO e CAUSA são eventos que se relacionam com o MOVIMENTO, caracterizando o MODO ou a CAUSA do movimento da FIGURA. A partir desse esquema básico, Talmy (2000b) assevera que é possível agrupar as línguas, dependendo do modo como elementos semânticos se combinam com elementos morfossintáticos e são expressos gramaticalmente. Partindo de exemplos retirados da obra *O Hobbit*⁷, de Tolkien, nas versões em português, inglês e latim⁸, e de algumas construções de EM da rede social *Twitter*⁹, este trabalho objetiva descrever o funcionamento do EM no Português Brasileiro (doravante PB). Para este intuito, dividimos o artigo nas seguintes seções.

Na seção 2, intitulada *Padrões de lexicalização*, trataremos do conceito de satélite (2.1), do padrão LFS (2.2) e do padrão LFV (2.3). Cada padrão de lexicalização apresentado será exemplificado com sentenças retirados da obra *O Hobbit* e ilustrado por setas que mostrarão a relação entre os elementos semânticos e a expressão gramatical. Na seção 3, *Propostas de reformulação da teoria de Talmy*, apresentaremos alguns exemplos que corroboram a afirmação de alguns estudiosos, como Kopecka (2004, 2008, 2013), Slobin (2004, 2006), Matsumoto (2003), Beavers et al. (2010), Iacobini e Fagard (2011) quando dizem que as línguas podem se comportar com um padrão distinto do prototípico. Nesse sentido, faremos uma discussão sobre o padrão do PB, levando em consideração o fato de que há indícios de que a língua apresenta traços de padrões de lexicalização distintos. Nesta parte, os exemplos escolhidos são extraídos da rede social *Twitter*. Na seção 4, são apresentadas as conclusões do estudo, e na seção 5, encontram-se as referências bibliográficas usadas neste trabalho.

2 PADRÕES DE LEXICALIZAÇÃO

Para Talmy (2000b, p. 24), lexicalização é a associação regular de um significado ou um conjunto de significados a um morfema particular ou item lexical. Na expressão do EM, há três tipos principais de lexicalização na raiz verbal: MOVIMENTO mais coevento, MOVIMENTO mais TRAJETÓRIA e MOVIMENTO mais FIGURA. Embora as línguas possam lexicalizar padrões menores, segundo o autor, cada língua expressa só um padrão mais característico.

2.1 Satélite

Um termo importante para essa teoria foi citado no início deste trabalho: trata-se do satélite. Apesar de polêmico, o satélite, tal como conceituado por Talmy (2000b), é um importante elemento gramatical que está presente na teoria tipológica do autor. Isso quer dizer que a sua presença ou ausência pode determinar em que padrão uma dada língua se encaixa. Nas definições talmyanas, o conceito de satélite abrange vários elementos que se relacionam com o verbo, mudando o seu conteúdo semântico. O autor oferece a seguinte definição de satélite:

É a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja um sintagma nominal, preposicional ou um complemento e que está em uma relação de irmã para a raiz do verbo. Refere-se à raiz verbal como dependente de um núcleo. O satélite, que pode ser um afixo ou uma palavra livre, visa, assim, abranger todas as seguintes formas gramaticais, que tradicionalmente têm sido amplamente tratadas independentemente umas das outras [...] (Talmy, 2000b, p. 102, traduzimos).¹⁰

Então, para o autor, satélite abrange as partículas verbais do inglês, afixos aspectuais do alemão, prefixos verbais do latim e do russo, complementos verbais do chinês etc. Uma possível fonte para o conceito de satélite se encontra em Pittman (1948), que postula uma atração gravitacional entre certos morfemas ou grupo de morfemas. Nesse sentido, ele defende que certos constituintes imediatos (CI) podem ser rotulados de principal ou central, como, raízes, radicais, bases, temas, núcleos, substantivos, verbos, oração principal etc.; e a outros ele atribui o *status* de subordinado ou lateral, que podem ser afixos, enclíticos, formativos, atributos, modificadores, orações subordinadas etc. Os CI centrais são chamados de núcleo e os CI laterais são chamados de satélite. Pittman (1948) menciona a vantagem de tratar esses elementos linguísticos em centrais e laterais fazendo uma comparação pertinente:

Assim como um astrônomo acha mais fácil descrever a relação da lua com a terra do que a sua relação com o sol, para um linguista, ao analisar a sentença *Eat your bread* (Coma seu pão), é mais fácil descrever a relação *your* (seu) para *bread* (pão) que sua relação com *eat* (comer). (Pittman, 1948, p. 288, traduzimos).¹¹

Pittman (1948, p. 287-288) observa que em cada estrutura constituída por dois CI, a presença de um deles é explicável pela presença do outro componente. Para o autor, há um ranking de grau de parentesco entre os constituintes que ele nomeia de “afinidade” ou concomitância. Vale destacar que essa afinidade é explicada em dois níveis distintos: a relação predicado-objeto de *Eat* mais *your bread* no nível da oração e a relação possessivo-núcleo de *your* mais *bread* no nível do constituinte. Nesse sentido, alguns critérios são fundamentais para distinguir núcleo e satélite:

- a) Se um dos dois elementos é opcional, ele é satélite.
- b) Se um dos dois CI pertence a uma classe com mais membros do que a outra, geralmente, será considerado núcleo e sua concomitante satélite.
- c) Se um dos dois CI ocorre nas mais diferentes classes (critério da versatilidade), geralmente, será considerado núcleo e sua concomitante satélite.
- d) Se um constituinte pertence à mesma classe como um dos seus CI, geralmente, é interpretado como um núcleo e a concomitante um satélite.

Passemos agora aos três padrões de lexicalização definidos por Talmy (2000b).

2.2 Padrão LFS

O primeiro padrão de que vamos tratar é o LFS. Segundo a teoria talmyana, no EM das línguas pertencentes a esse grupo, fundem-se na raiz verbal os elementos semânticos de MOVIMENTO e MODO ou CAUSA, deixando para o satélite a função de expressar a TRAJETÓRIA. A partir de agora, os exemplos serão ilustrados com setas, indicando a relação entre os elementos morfossintáticos e elementos semânticos. As traduções dos exemplos em língua estrangeira foram retirados das obras na versão em português. Começamos com uma sentença da língua inglesa, extraída do livro *The Hobbit*:

“Bert e Tom dirigiram-se para o barril” (*O Hobbit*, p. 40)

Essa frase codifica o EM no padrão LFS de uma forma diferente da língua inglesa. Mesmo a expressão sintática do latim sendo tão diversa da língua inglesa, pode-se fazer uma generalização que permite inserir essas línguas em um mesmo grupo tipológico: trata-se do papel desempenhado pelo satélite. Como mencionado anteriormente, o satélite é um elemento importante para definir se uma dada língua pode pertencer a um padrão ou a outro. Basicamente, se, na expressão do EM, uma determinada língua usar esse elemento gramatical para expressar a TRAJETÓRIA, então, será uma língua de padrão LFS. Por outro lado, a ausência de satélite para expressão da TRAJETÓRIA indica que essa língua é de outro padrão, levando em conta que o verbo já expressa esse domínio em sua raiz. Talmy (2000b) alerta que essas generalizações se aplicam quando a língua utiliza esses padrões em sua expressão mais característica, ou seja, estilo mais coloquial e mais frequente na fala.

Em (2), a FIGURA é representada por *Bertus* e *Tomas* que se deslocam de determinado ponto a outro. O verbo latino *eo* e as traduções caminhar, andar e marchar podem indicar o MODO do movimento. Dependendo da escolha traduzida, *caminhar*, *andar* e *marchar* indicam como ocorre o MOVIMENTO. Esse MODO do movimento é expresso na raiz verbal. O MOVIMENTO é expresso pelo verbo *eo* (*ir*, *dirigir-se*, *caminhar*, *andar* etc.) no pretérito perfeito da terceira pessoa do plural (*ierunt*). Em suma, MOVIMENTO e MODO estão amalgamados na raiz verbal e são expressos conjuntamente. O satélite *ex-* é um prefixo que determina a direção da TRAJETÓRIA (para fora). Nesse caso, o prefixo é um satélite verbal, pois está gravitando em torno do verbo, mudando o seu conteúdo semântico. Sem a adjunção deste prefixo *ex-*, a raiz verbal, por si só, não seria capaz de exprimir a ideia de movimento para fora.

Os outros elementos relevantes são o FUNDO, que é representado pelo substantivo *cūpa* (cuba – barril –, que pertence à primeira declinação e está no caso acusativo). O *ad* é uma preposição que rege o acusativo e indica aproximação de um limite ou movimento em direção a um limite. Nas definições talmyanas, *ad* seria um subcomponente da TRAJETÓRIA, chamado de vetor. Segundo Talmy (2000b), vetor compreende a direção do movimento da FIGURA em relação ao FUNDO. Abaixo, são enumerados os elementos de EM, que ocorrem na sentença (2) acima:

- a) FIGURA: *Bertus*, *Tomas*
- b) FUNDO: *cupa*
- c) MOVIMENTO (representado pelo verbo *eo*)
- d) TRAJETÓRIA (representado pelo satélite *ex*)

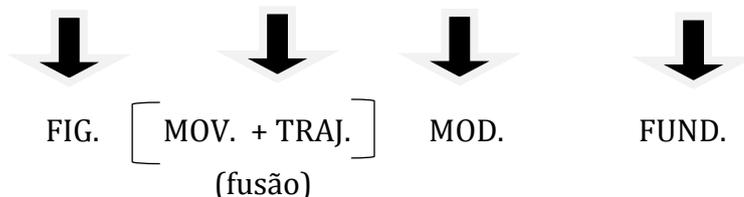
Em suma, línguas que pertencem ao padrão tipológico LFS, como o inglês e o latim, têm a particularidade de usar um elemento gramatical para expressar a TRAJETÓRIA, embora façam isso por meio de estruturas gramaticais distintas. O MOVIMENTO e MODO/CAUSA, por sua vez, são expressos diretamente na raiz verbal.

Por outro lado, línguas como o PB normalmente expressam a TRAJETÓRIA na raiz verbal, dispensando o uso do satélite nos casos mais prototípicos.

2.3 Padrão LFV

O padrão a ser tratado agora é o LFV, que tem como exemplos as línguas neolatinas, japonesa, coreana, turca etc. A diferença básica, conforme a teoria talmyana, se dá pelo fato de que, nessas línguas, fundem-se na raiz verbal os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA. Se o MODO for expresso, será por uma construção adverbial ou gerundiva, como se observa a seguir:

3. As águias desceram rápidas para o topo da rocha (*O Hobbit*, p.111)



Podemos observar que a sentença (3) representa um típico EM do padrão LFV. *As águias* representam a FIGURA que se desloca, o verbo *descer* representa o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA do movimento da FIGURA. Sintetizando esse evento: a FIGURA *águias* se desloca (de cima para baixo) de um determinado MODO (rapidamente) para um determinado lugar, ou seja, o FUNDO (*topo das rochas*). É importante ressaltar que a TRAJETÓRIA é expressa na própria raiz verbal, indicando a direção (de cima para baixo) do movimento. Em outras palavras, a TRAJETÓRIA é rizotônica nas línguas do tipo LFV, e arrizotônica nas línguas do tipo LFS.

Vale ressaltar que, nas línguas LFV, MODO do movimento quando não é um primitivo da raiz verbal é conhecida nas gramáticas de Cunha e Cintra (2001), Bechara (2005), Azeredo (2008) como adjunto adverbial, que é o termo que indica a circunstância em que a ação ocorre ou que intensifica o sentido de um adjetivo, de um advérbio ou de um verbo. Perini (2005), dá um tratamento diferente para funções sintáticas quando se trata do coevento MODO. O autor elenca diversos traços sintáticos que podem ocorrer dentro do grupo tradicional de advérbios, considerando as marcações¹⁴ [-CV, + Ant, -Q, +CN]. Nesse sentido, coevento no padrão LFV do PB é chamado de atributo por esse gramático. Talmy (2000b, p. 222, traduzimos) afirma

Línguas com *frame* no satélite, regularmente, mapeiam o coevento no verbo principal, o qual pode, assim, ser chamado um verbo coevento. Por outro lado, as línguas com o *frame* no verbo mapeiam o coevento em um satélite ou em um adjunto, tipicamente uma frase adposicional ou um tipo de componente gerundivo. Tais formas são por isso chamadas de um satélite de coevento, de um evento gerundivo, e assim por diante.¹⁵

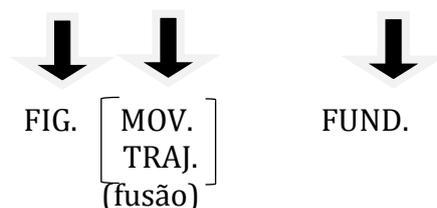
De acordo com Talmy (2000b), esses coeventos são tipos diferentes de satélites que eventualmente participam do EM, no caso de línguas de padrão LFV. Desmembrando os componentes, temos os seguintes elementos, em relação à sentença (3):

- a) FIGURA: *as águias*
- b) FUNDO: *o topo da rocha*
- c) MOVIMENTO (representado pelo verbo *descer*)
- d) TRAJETÓRIA (representado pelo verbo *descer*)

Em (3) temos: a entidade FIGURA, representada pelas águias, a entidade FUNDO, representada pelo topo da rocha, o processo de ativação equivalente ao fator de dinamismo (MOVIMENTO) expresso pelo verbo *descer*, e a função de associação que estabelece uma relação entre FIGURA e FUNDO, sendo representada pela TRAJETÓRIA e expressa também pelo verbo *descer*. Note-se que, nesse padrão de lexicalização, o verbo amalgama os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA na raiz verbal, como já mencionado anteriormente.

Vejamos agora mais um exemplo:

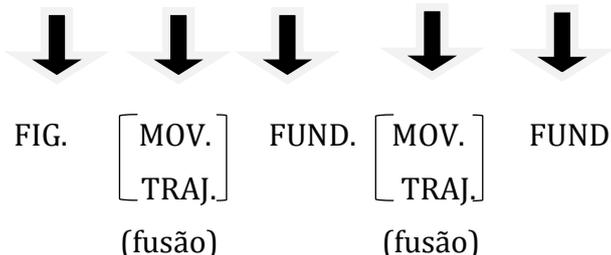
4. Então Gandalf subiu até o topo de sua árvore. (O Hobbit, p. 104))



Em (4), o EM se configura da seguinte maneira: A FIGURA é representada por Gandalf, que se movimenta para cima. O verbo expressa o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA desse MOVIMENTO, ou seja, de baixo para cima, mas nada nos diz sobre o MODO como esse MOVIMENTO foi realizado. Como mencionado acima, MODO e CAUSA são domínios secundários que poderiam ser suprimidos do EM, sem causar prejuízo algum para o desenvolvimento da cena, no caso de a expressão focalizar os primitivos MOVIMENTO e TRAJETÓRIA.

A frase (5), abaixo, apresenta duas TRAJETÓRIAS distintas

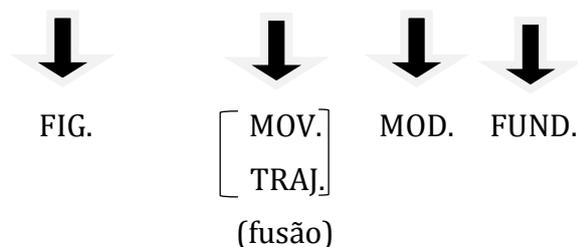
5. Gollum entrou no barco e afastou-se da ilha [...] (*O Hobbit*, p. 73)



No exemplo (5), temos um macroevento, no sentido de que toda a cena contempla pelo menos duas TRAJETÓRIAS. Primeiramente, a FIGURA *Gollum* se movimenta para dentro do barco que é o FUNDO. O verbo *entrar* sintetiza, em sua raiz, os elementos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA. Nessa interpretação, o coevento foi suprimido e nada nos é informado sobre o MODO como esse MOVIMENTO aconteceu. Mas podemos observar que isso não é relevante para a interpretação desse EM. Na segunda parte que compõe esse macroevento, a FIGURA realiza outro MOVIMENTO em que se afasta da ilha. A ilha é, nesse EM, o FUNDO de onde a TRAJETÓRIA da FIGURA se inicia. Aqui, podemos verificar que *Gollum* e o barco formam uma única FIGURA em MOVIMENTO.

No exemplo (6), abaixo, a oração gerundiva indica o MODO do movimento:

6. Alguns dos mais tolos saíram correndo da cabana [...] (*O Hobbit*, p. 179)



Em (6), a FIGURA é *Alguns dos mais tolos*, que se movimentam para fora de um FUNDO. O verbo *sair* expressa, na raiz verbal, MOVIMENTO mais a TRAJETÓRIA realizado pela FIGURA. Esse MOVIMENTO e TRAJETÓRIA foram realizados de um determinado MODO, ou seja, *correndo*. Esse MODO é expresso pelo satélite de coevento *correndo*, e não pela raiz verbal. Ou seja, o MODO é arrizotônico, quer dizer, não pertencente à raiz verbal.

O FUNDO é representado pela *cabana*, que é o lugar de onde a FIGURA começou o MOVIMENTO e, conseqüentemente, a TRAJETÓRIA.

Com esses exemplos, esperamos ter apresentado como se configura o EM no PB em sua forma mais prototípica.

3 PROPOSTAS DE REFORMULAÇÃO DA TEORIA DE TALMY

Após a publicação de seus trabalhos, muitos autores questionaram a tipologia talmyana, apresentando trabalhos em que diversas línguas não se encaixavam perfeitamente no padrão tipológico proposto pelo autor. Slobin (2004, 2006) propõe acrescentar uma terceira tipologia¹⁶ que ele chama de *frames* equipolentes. O autor diz: “Esta terceira classe de padrões de lexicalização pode ser designada como *frames* equipolentes, que é um tipo de concepção em que tanto TRAJETÓRIA quanto MODO têm aproximadamente igual estatuto morfossintático” (SLOBIN, 2006, p. 5). O autor cita línguas que possuem verbos seriais, ou seja, a TRAJETÓRIA e a MANEIRA são expressas por formas gramaticais equivalentes e nem sempre é evidente qual verbo da série (se houver) é o principal, como o niger-congo, sino-tibetano etc. Refere-se ainda a línguas com verbos genéricos, como a língua australiana jaminjung e a línguas com verbos bipartidos, como os idiomas Hokan e Penutian. Ao criar esse novo padrão, Slobin espera abarcar muitas línguas que, segundo ele, não são representadas pela caracterização tipológica de Talmy.

LFE (Línguas com *frames* equipolentes) possuem três subtipos, conforme se observa no segmento a seguir:

- Línguas que possuem verbos seriais como o Niger-Congo, Hmong-Mien, Sino-Tibetano, Tai-Kadai, Mon-Khmer, línguas austronésias etc.
- Línguas que possuem verbos genéricos como a australiana jaminjung.
- Línguas que possuem verbos bipartidos como os idiomas Hokan e Penutian.

Esse terceiro padrão tipológico proposto por Slobin (2004, 2006) foi refutado por Talmy (2012) que afirma que os críticos que propõem reformular sua tipologia tratam, primeiramente, dos elementos dos elementos semânticos, como constituídos apenas de um par especial TRAJETÓRIA e MODO dentre os cinco que constituem o EM (FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETO, FUNDO, MODO/CAUSA. Nesse sentido, para o autor, as línguas nem sempre privilegiam os componentes TRAJETÓRIA e coevento como sendo o verbo principal ou algum outro tipo de núcleo ou outra categoria dominante; nem atribuem ao constituinte coevento como sendo exclusivamente um tipo de satélite ou outra categoria dependente ou subordinada. No entender de Talmy (2012), os autores que pretendem reformular sua tipologia não levam em consideração os subcomponentes da TRAJETÓRIA, nem consideram a CAUSA como um coevento. Assim, para o autor, não há motivo para uma reformulação na sua teoria, já que, também, são casos raros.

Beavers *et al* (2010) também propõem uma reformulação na teoria de Talmy. Eles são partidários de que em uma língua pode haver mais de um padrão de lexicalização, dependendo de como codificam a TRAJETÓRIA no EM. Os autores chamam a atenção para o fato de que o MODO e a TRAJETÓRIA podem ser expressas por diferentes meios. Argumentam, também, exemplificando com orações clivadas em inglês, que os satélites, um dos elementos essenciais para

separar as línguas em padrões, nem sempre estão numa relação de irmã para a raiz do verbo. Os autores põem em questão o conceito de satélite proposto por Talmy (2000), sugerindo a ampliação desse conceito. Para justificar a proposta de ampliação, os autores citam alguns dados de Nikitina (2008), que corroboram com as suas ideias. Nikitina (2008, apud BEAVERS *et al.* 2010, p.12) apresenta os seguintes exemplos:

(8)

a) John ran in (the house).

“João correu para dentro (da casa).”

b) John ran to the store.

“João correu para a loja.”

A autora argumenta que tanto (8a) *in the house* quanto (8b) *to the store* indicam a meta do MOVIMENTO, ou seja, o local para onde a FIGURA se desloca. Para ela, essas construções, aparentemente, são expressões alternativas de um mesmo conteúdo semântico. Nesse sentido, em (8a), um satélite codifica a TRAJETÓRIA, enquanto, em (8b), um sintagma preposicional (SP) codifica a TRAJETÓRIA.

Em suma, esses autores tentam provar que as línguas podem codificar a TRAJETÓRIA por meio de recursos morfológicos, lexicais ou sintáticos bastante distintos entre si. O estudo de Beavers *et al.* (2010) tem grande importância nas tipologias linguísticas de EM, uma vez que abre opções para a codificação da TRAJETÓRIA. Os autores enfatizam: “Sugerimos que os SPs não sejam excluídos da noção de satélite, reconhecendo assim uma ampla gama de opções de codificação de TRAJETÓRIA sob uma interpretação estrita da tipologia de Talmy.” (BEAVERS *et al.* 2010, p.12).

O PB também apresenta uma variedade de recursos na expressão do satélite, o que leva a um certo hibridismo de seu padrão de lexicalização. Partilhamos das ideias da Di Sciullo (1997, p. 52-53) ao considerar os prefixos como elementos que são adjuntos ao núcleo. A autora separa os prefixos em duas subcategorias: internos e externos. Os externos são adverbiais porque afetam o todo da projeção verbal, oferecendo especificações externas à projeção verbal; já os prefixos internos são preposicionais e alteram os parâmetros internos do evento ou fornecem especificações aspectuais internas: direção e orientação. Assim, o PB, tipicamente associado ao padrão LFV, possui algumas construções em que o satélite especifica a TRAJETÓRIA, assim como nas línguas do padrão LFS, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(9) [...] os últimos orcs foram expulsos das Montanhas Sombrias (*O Hobbit*, p. 269)

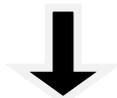


FIG.

Sat. MOV.
MAN.
 (fusão)

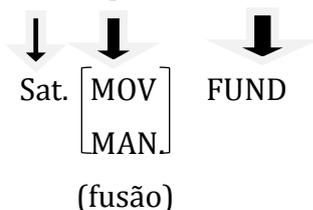
FUND.

No exemplo (9), temos um caso em que o PB se comporta como línguas do padrão LFS, como se observa no último esquema. Nesse exemplo, a oração está na voz passiva, portanto o verbo *expulsar* está no particípio. Mas o que interessa é que temos que olhar para o verbo *expulsar* sob outra ótica. Esse verbo tem a sua origem no verbo latino *expēllō* que significa expelir, expulsar, desterrar etc. O verbo complexo *expēllō* apresenta duas propriedades importantes para o EM: o prefixo *ex*, que especifica a TRAJETÓRIA (para fora), e o verbo *pēllō*, que tem o significado de impelir, lançar, ferir etc. que são MOVIMENTOS. Em relação ao verbo *expulsar* da sentença (9), também temos duas propriedades: o prefixo *ex* especifica a direção da TRAJETÓRIA (para fora) e o verbo *pulsar* significa impelir, repelir, pôr em movimento por meio de impulso etc. Nesse sentido, o prefixo *ex* é um autêntico satélite nas definições talmyanas, e o PB se comporta como uma língua de um padrão não prototípico. Embora as pesquisas tipológicas careçam de estudos que atestem se o falante tem ou não a percepção de que o prefixo indica a TRAJETÓRIA, isso caracteriza que o PB possui resquícios de um padrão não prototípico, mas que é relevante para compreender a evolução do padrão de lexicalização. A seguir, o detalhamento desse EM:

- a) FIGURA: os últimos orcs
- b) FUNDO: montanhas sombrias
- c) MOVIMENTO (representado pelo verbo *pulsar*)
- d) TRAJETÓRIA: (representado pelo satélite *ex*).

Em seguida, temos mais um exemplo em que o PB se comporta como uma língua do padrão LFS.

(10) Avançou [...] e irrompeu no círculo como trovão. (*O Hobbit*, p. 265)



Verificamos que a FIGURA *Beorn* está oculta nessa sentença, mas é recuperável pelo contexto. Novamente temos um verbo português, *irromper*, originário do verbo latino *irrupō*. Nele, temos a junção do prefixo *in* na forma *ir*, que significa movimento para dentro, e do verbo *rūmpo*, que significa quebrar com força, romper etc. O verbo *irromper* também apresenta essas propriedades. Temos o prefixo *in* na forma *ir* que significa movimento para dentro e o verbo *romper* que possui os significados de dividir-se em partes, quebrar-se, avançar com ímpeto etc. Então, temos um prefixo que é um satélite nos termos de Talmy (2000), pois expressa a TRAJETÓRIA; e mais uma vez o PB se comporta como línguas do padrão LFS. A decomposição morfológica desses verbos complexos atestam que os critérios sugeridos por Pittman (1948) são capazes de atestar que os prefixos são genuinamente satélites. Observe as especificidades desse EM:

- a) FIGURA: oculta
- b) FUNDO: círculo
- c) MOVIMENTO (representado pelo verbo *romper*)
- d) TRAJETÓRIA (representado pelo satélite *in* na forma *ir*)

Nesses exemplos, a TRAJETÓRIA em PB são expressas morfológicamente por um satélite que, no caso, são prefixos. A seguir, apresentaremos algumas construções do PB que, verificadas principalmente na fala, são consideradas por algumas gramáticas normativas como pleonasmos viciosos ou redundantes. Visto sob a ótica de padrões de lexicalização, ganham outra interpretação. Essas construções são formadas por verbos de movimento inerentemente direcionados (doravante VMID), segundo Levin (1993). Para a autora, “O significado destes verbos inclui uma especificação da direção do movimento, mesmo na ausência de um complemento direcional evidente.” (LEVIN, 1993, p. 264). Isso quer dizer que a direção da TRAJETÓRIA está codificada na raiz verbal sem a presença de um complemento que faça esse papel. Mas algumas construções do PB, como mencionado anteriormente, subvertem esse paradigma.

Alguns exemplos retirados da rede social *Twitter* ilustrarão a posição assumida de que o PB utiliza mais de uma estratégia para codificar a TRAJETÓRIA.

(11)

- a) O fogo subiu *pra cima* da panela.
- b) Deixou a marcha no ponto morto e o carro desceu *pra baixo*.
- c) Meu pai pegou meu notebook e entrou *pra dentro* do quarto e trancou.
- d) Ele pegou minha mochila e saiu *pra fora* da sala.
- e) Tah ligado que eu fui dar re e o carro avançou *pra frente!* Nao sei como isso aconteceu...

f) Na festa um cara perguntou meu signo e quando eu disse que era áries ele recuou *pra trás* e disse " tu é brabona né?! " HEUEHUEHUEHUE

Os exemplos em (11) mostram que o PB usa outra estratégia para codificar a TRAJETÓRIA por meio de SPs que também codificam a TRAJETÓRIA, embora o verbo já expresse isso na raiz verbal. Kewitz (2010) nomeia essas construções de *Double Path*. A autora demonstra que algumas dessas construções já eram encontradas em cartas formais no século XVIII. *Double Path* é uma construção em que o verbo principal do EM, que já expressa a TRAJETÓRIA na raiz verbal, se combina com um SP que também informa ou reforça a TRAJETÓRIA. Para Kewitz (2010, p. 18, traduzimos): "O fenômeno da TRAJETÓRIA redobrada é um entre outras formas de expressão de evento de movimento no PB.¹⁷". A autora levanta a hipótese de que vários fatores contribuem para a ocorrência desse fenômeno no PB:

(i) desativação do sentido de base desses verbos, levando à ativação de outros elementos (como as preposições complexas) para expressar o percurso do movimento; (ii) reativação dos elementos que redobram o percurso com a função discursiva de ênfase; (iii) ativação de propriedades prosódicas, sobretudo com a presença de dêiticos, como em *sobe lá em cima, saí lá fora, entra aqui dentro* etc. (Kewitz, 2011, p. 96)

Considerando a proposta de ampliação do conceito de satélite de Beavers *et al* (2010), observamos que o PB pode utilizar outra estratégia para codificar a TRAJETÓRIA. Nota-se, também, que o PB codifica a TRAJETÓRIA por meio de prefixos que são satélites autênticos nas definições talmyanas. Essa variação na codificação da TRAJETÓRIA parece não invalidar a classificação tipológica de Talmy (2000b), em virtude de o próprio autor salientar que as línguas têm um padrão central e que em alguns casos cruzam as fronteiras de outros padrões.

4 Conclusão

Apresentamos, neste trabalho, algumas características da tipologia de Leonard Talmy (1972, 2000b, 2012). Ao longo de seus estudos, esse autor demonstrou que o modo como os elementos semânticos FIGURA, FUNDO, MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, MODO e CAUSA são gramaticalmente expressos pelas línguas do mundo permitem classificá-las em padrões de lexicalização distintos. O autor classificou, inicialmente, três padrões: LFS, LFV e LFF. Após a publicação de seus trabalhos, inúmeros estudos surgiram com proposta de reformular a tipologia, uma vez que algumas línguas não se encaixavam perfeitamente na tipologia talmyana. Slobin (2004, 2006) criou outro padrão de lexicalização chamado de LFE (Línguas com *frame* equipolente) que, segundo o autor, abarcaria as línguas que não se encaixam nos padrões propostos por Talmy. Já Beavers *et al.* (2010) também reformularam a tipologia talmyana, mas, diferentemente de Slobin

(2004), esses autores sugeriram ampliar o conceito de satélite para que as outras estratégias usadas pelos falantes para codificar a TRAJETÓRIA fossem levadas em consideração.

Após apresentar a configuração do padrão de lexicalização do PB, contrapondo com o padrão do inglês e do latim, apresentamos, de forma reduzida, alguns exemplos que demonstram que, de fato, o PB, sendo uma língua do padrão LFV, às vezes se comporta como a sua língua mãe, que pertence ao padrão LFS. Isso pode ser atestado quando, no EM, o verbo principal contém o primitivo MODO em sua raiz. Alguns verbos, como *pular, andar, correr, nadar, rodar, rolar, balançar* etc, que são de MODO de movimento, combinados com um SP ou que possuem a noção de TRAJETÓRIA no próprio aspecto lexical configuram o padrão LFS. Apesar de Levin e Rappaport (2015, p. 6) afirmarem que verbos de MODO de movimento, na descrição do EM, é muito restrito em línguas neolatinas, não é bem isso que ocorre no PB. O PB possui uma variedade menor de verbos de MODO de movimento em comparação com o inglês, mas o suficiente para que a língua figure no rol do padrão LFS.

Parece evidente que, no curso de sua evolução, o PB guarda alguns resquícios do padrão de lexicalização latino. A presença de alguns verbos prefixados, em que se pode separar prefixo e verbo, mostra que, no EM, tais verbos se comportam como no padrão LFS. Levando em consideração a ampliação do conceito de satélite formulado por Beavers *et al.*(2010), em que SP são considerados satélites, pode-se afirmar que, em alguns casos, o PB assume o padrão LFS. O padrão de lexicalização do PB é bem marcado com VMID, conforme classificação de Levin (1993). Mas o uso, principalmente na fala, do redobro da TRAJETÓRIA sugere que algum tipo de mudança está em curso, no que se refere à tipologia linguística. Da mesma maneira que há resquícios do padrão latino no PB – isso indica uma mudança de padrão sob a ótica diacrônica – parece haver, num primeiro momento, indícios de que o PB, ao utilizar outros recursos para a expressão mais prototípica, está no início de uma reconfiguração do seu padrão.

Notas

¹ Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Mestre em Linguística e doutorando em Linguística. dorivalgsf@gmail.com

² Proponho as siglas LFS, LFV e LFF usadas na dissertação: Padrão tipológico do português: um estudo dos vestígios de satélites na expressão do movimento e do trajeto. (2013)

³ O atsugewi, língua estudada por Talmy em sua tese de doutorado, é prototípica do padrão LFF.

⁴ Ressaltamos que os elementos ou primitivos conceituais mencionados anteriormente costumam, na literatura, desde Dowty (1979) serem apresentados em caixa alta.

⁵ O original é: The basic Motion event consists of one object (the Figure) moving or located with respect to another object (the reference object or Ground). It is analyzed as having four components: besides Figure and Ground, there are Path and Motion. The Path (with capital P) is the path fallowed or site occupied by the Figure object with respect to the Ground object. The component of Motion (with a capital M) refers to the presence per se of motion or locatedness in the event. Only these two motive states are structurally distinguished by language.

⁶ O componente TRAJETÓRIA possui subcomponentes que não serão substancialmente abordados nesse trabalho, razão pela qual recomendo, aos que se interessarem pelo assunto, consultar a dissertação intitulada *Padrão tipológico do português: um estudo dos vestígios do satélite na expressão do movimento e do trajeto* (2013).

⁷ A obra *O Hobbit* foi publicada em 1937 e tem como personagem principal, Bilbo Bolseiro. A história se passa na chamada Terra Média, universo mitológico, onde o mago Gandalf e uma companhia de anões levam Bilbo numa expedição para resgatar um tesouro. Foi escrita por Tolkien no início de 1930 quando buscava uma carreira acadêmica na Universidade de Oxford

⁸ Para este trabalho, a versão em português é a comemorativa de 75 anos da 1ª edição, a versão em inglês é a de 1998 e a versão latina é de 2012.

⁹ O Twitter é uma rede social e *microblogging* que permite que seus participantes enviem e leiam mensagens, os chamados “*tweets*” (postagens baseadas em texto com até 140 caracteres), de outros usuários.

¹⁰ O original é: It is the grammatical category of any constituent other than a noun-phrase or prepositional-phrase complement that is in a sister relation to the verb root. It relates to the verb root as a dependent to a head. The satellite, which can be either a bound affix or a free word, is thus intended to encompass all of the following grammatical forms, which traditionally have been largely treated independently of each other [...]

¹¹ O original é: Just as an astronomer finds it simpler to describe the moon's relation to the earth than its relation to the sun, so a linguist, in analyzing the sentence *Eat your bread*, finds it simpler to describe the relation of *your to bread* than its relation to *eat*.

¹² Utilizamos as seguintes abreviações: FIG. (FIGURA), MOV. (MOVIMENTO), MOD. (MODO), FUND. (FUNDO), Sat. (satélite).

¹³ A escolha do *corpus* nas versões em português, inglês e latim se justifica pelo fato de que a tradução é uma das melhores maneiras de contrastar os padrões de lexicalização.

¹⁴ CV = concordância verbal, Ant = anteposição, Q = retomável através de (o) que/quem, CN = concordância nominal, NdP = núcleo do predicado.

¹⁵ O original é: Languages with a framing satellite regularly map the co-event into the main verb, which can thus be called a co-event verb. On the other hand, languages with a framing verb map the co-event either onto a satellite or into an adjunct, typically an adpositional phrase or a gerundive type constituent. Such forms are accordingly called a co-event satellite, a co-event gerundive, and so on

¹⁶ Lembramos que o padrão LFF, posteriormente, foi descartado por Talmy.

¹⁷ O original é: "Double path phenomenon is one among other ways of expressing motion event in BP"

Referências

ALMEIDA, N.M. de. Gramática latina: curso único e completo. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

AZEREDO, J.C. de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BATORÉO, H. J. Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa, 1996. Dissertação de Doutoramento - FLUL.

BEAVERS, J; LEVIN, B; THAN, S.W. The typology of motion expressions revisited. *Journal of Linguistics*, v. 46, n. 2, p. 331-377, 2010.

<<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=7802269>>.

Acesso em: 29/05/2014.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

CIFUENTES-FÉREZ, P. Motion in English and Spanish: A Perspective from Cognitive Linguistics, Typology and Psycholinguistics. University of Murcia, 2008. Tese de doutorado. <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/10816/CifuentesFerez.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13/09/2015.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

DI SCIULLO, Anna-Maria. Projections and interface conditions: essays on modularity. Oxford: University Press, 1997, 52-73.

DOWTY, D. Word meaning and montague grammar. Dordrecht: Reidel, 1979.

FARIA, E. Dicionário escolar Latino/Português. 3.ed. Rio de Janeiro: FAE/MEC, 1962.

IACOBINI, C. & FAGARD, B. A diachronic approach to variation and change in the typology of motion event expression. A case study: From Latin to Romance. Cahiers de Faits de langue, Paris, n. 3, p. 151-172, 2011.

JACKENDOFF, R. Semantics and Cognition. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JACKENDOFF, R. Semantic Structures. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

KEWITZ, V. Double path: a typology of Brazilian Portuguese. In: Silva, A.S; Martins, J.C.; Magalhães, L.; Gonçalves, M. (Org.). Comunicação, Cognição e Media. Braga, Aletheia / Universidade Católica Portuguesa, v. 2, p. 153-168, 2010.

KEWITZ, V. A representação do movimento no português paulista. Filol. linguíst. port., n. 13(1), p. 89-125, 2011.
<http://www.fffch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP13_1/kewitz.pdf>. Acesso em: 11/05/2015.

KOPECKA, A. Étude typologique de l'expression de l'espace: localisation et déplacement em français et em polonais. Lyon, 2004. Thèse pour obtenir le grade de Docteur de l'université em Sciences du Langage, Faculté des Lettres, Sciences du Langage et Arts - Université Lumière Lyon 2.
<http://theses.univlyon2.fr/documents/lyon2/2004/kopecka_a/pdfAmont/kopecka_a_chapitre03.pdf>. Acesso em: 15/09/2015.

KOPECKA, A. From a satellite- to a verb-framed pattern: a typological shift in French. In Cuyckens, H., W. De Mulder & T. Mortelmans eds. Variation and change in adpositions of movement. Amsterdam, John Benjamins, 2008, p. 1-22.

Kopecka, A. Describing Motion events in Old and Modern French: discourse effects of a typological change.", in Variation and Change in the Coding of Motion Events, Goschler, J., Stefanowitsch, A. (eds), Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2013, p. 163-184

LEVIN, B. English verb classes and alternations. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Lexicalization Patterns. In R. Truswell, ed., Oxford **Handbook of Event Structure**, Oxford University Press: Oxford, 2015. <<http://web.stanford.edu/~bclevin/pubs.html>>. Acesso em 10 fev. 2016.

MATSUMOTO, Y. Typologies of Lexicalization Patterns and Event Integration: Clarifications and Reformulations. In: A Festschrift for Masaru Kajita. S. Chiba et al. (Eds.) **Empirical and Theoretical Investigations into Language**. Tokio, Kaiakusha, 2003. p. 403-418.

<<http://www.lit.kobe-u.ac.jp/~yomatsum/papers/typologies2.pdf>>. Acesso em: 07 Ago. 2014.

PITTMAN, R. S. Nuclear Structures in linguistics. *Language*, v. 24, n. 3, p. 287-292, 1948
<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/410363?uid=3737664&uid=2129&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102470931641>>. Acesso em: 11/05/2015.

SANTOS FILHO, D.G. Padrão Tipológico do Português: um estudo dos vestígios de satélites na expressão do Movimento e do Trajeto. Florianópolis, 2013. Dissertação de Mestrado em Linguística – PPGLing, UFSC.

SLOBIN, D. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In: Sven Strömquist and Ludo Verhoeven, eds., *Relating Events in Narrative: Typological and Contextual Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2004. p. 219-257.

SLOBIN, D. What makes Manner of motion salient? Explorations. In: *linguistic typology, discourse and cognition*. In: M. Hickmann y S. Robert (Eds.). *Space in Languages: Linguistic Systems and Cognitive Categories*. Amsterdam / New York: John Benjamins, 2006. p. 59-82.

TALMY, L. *Semantic Structures in English and Atsugewi*. Berkeley, 1972. Ph. D. Dissertation - University of California.
<<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Dissertation/toc.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000b.

TALMY, L. Main verb properties. *International Journal of Cognitive Linguistics*, v. 3, n. 1, 1-24, 2012. <<https://www.questia.com/library/journal/1P3-3628806891/main-verb-properties>>. Acesso em 02 jan. 2017.

TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. (Revisão técnica e coordenação de traduções de Ronald Kyrmse). São Paulo, Martins Fontes, 1995.

TOLKIEN, J.R.R. *The Hobbit*. London, HarperCollins Publishers, 1998.

TOLKIEN, J.R.R. *Hobbitvs Ille*. Translated into latin by Mark Walker. London, HarperCollins, 2012.

Para citar este artigo

SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. O padrão de lexicalização do português brasileiro: evento de movimento. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 2, p. 103-123, jul.-dez. 2016.

O autor

Dorival Gonçalves Santos Filho Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista/UNESP Mestre em Linguística pela Universidade

Federal de Santa Catarina/UFSC (2013). Doutorando em Linguística pela
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

123